

Como não ser enganado pelas



**fake
news**

Flávia Aidar
Januária Cristina Alves

Sugestões de atividades
elaboradas por Januária Cristina Alves

AS AUTORAS

Flávia Aidar – Professora de História formada pela Universidade de São Paulo (USP), assessora pedagógica e autora de livros e materiais didáticos e paradidáticos para crianças e jovens.

Januária Cristina Alves^{ba} – Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), infoeducadora e educadora; autora de mais de 50 livros para crianças e jovens.

COLEÇÃO INFORMAÇÃO E DIÁLOGO: PARA LER E DISCUTIR

Uma coleção que trata de temas atuais, que estão em discussão na mídia e que, com certeza, renderão um bom diálogo e uma proveitosa troca de ideias entre os jovens de 11 a 14 anos. Escrita por jornalistas e especialistas na temática abordada, com uma linguagem leve, contendo informações relevantes sobre o tema, a coleção provoca o leitor a querer saber sobre o assunto abordado.

Assim é a coleção *Informação e Diálogo*, com livros em formato de almanaque, que usam e abusam dos hipertextos, proporcionando ao jovem leitor informações rápidas, interligadas e diversas indicações de temas correlatos por meio de dicas e *links* nos diversos meios de comunicação.

O objetivo da coleção é oferecer ao jovem um conjunto de temas que possam ser discutidos e compartilhados entre os colegas de escola, amigos e também com a família, despertando o seu interesse e estimulando-o a prosseguir a pesquisa iniciada por meio da leitura dos volumes da coleção.

Por que trabalhar com Como não ser enganado pelas fake news?

Dando continuidade à proposta editorial da coleção, que é oferecer aos leitores do Ensino Fundamental II temas atuais que estão em discussão na mídia e que com certeza renderão diálogos e pesquisas em casa e na escola, a Editora Moderna lança o título *Como não ser enganado pelas fake news*, segundo livro da educadora Flávia Aidar para esta coleção (o primeiro foi *Educação Financeira: um guia de valor*) e o primeiro da coordenadora da coleção, Januária Cristina Alves, que desta vez também atuou como autora.

Informação é poder. Nunca essa afirmação foi tão verdadeira como nos dias de hoje. É preciso saber selecionar as informações, as fontes confiáveis, saber ler o texto e o subtexto, conhecer os modos de produção da notícia e as suas diferentes formas de circulação, ser responsável por

aquilo que lê, interpreta e repassa. O acesso à informação não é mais o problema dos nossos tempos, a questão que agora se coloca é como não ser apenas um mero consumidor de notícias, mas um leitor crítico, atento e consciente do seu papel. As *fake news* colocaram todas essas questões no centro das preocupações de cidadãos do mundo inteiro. As notícias influenciam as nossas decisões, então, temos que prestar muita atenção no que dizem, por que dizem, como dizem e o que querem dizer.

Como não ser enganado pelas fake news é um livro que quer discutir essas questões complexas, apontando possíveis caminhos para nos tornarmos leitores competentes de notícias. O livro que você vai ler com seus alunos pretende abordar a questão da produção e da circulação de notícias por meio de dados, pesquisas, entrevistas e informações que servirão para provocar diálogos e reflexões sobre esse tema, possibilitando que os alunos ampliem seu repertório sobre ele e sobre as múltiplas conexões que suscita.

O livro também pode ser um guia para que você e seus alunos iniciem uma conversa sobre esse tema que, a cada momento, se renova e traz novos desafios, convidando todos nós a buscar saídas para que possamos contribuir para a criação de um mundo cada vez mais diverso, diferente e democrático, em que a informação circule livremente, de maneira justa e responsável com todos os atores envolvidos nesse processo.

Vamos começar o debate?

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS DO 6º AO 9º ANO

Trabalho interdisciplinar: Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências e Matemática.

Tema contemporâneo tratado de forma transversal: Diversidade cultural.

Atividades para antes da leitura

Como já sabemos, as notícias nascem das histórias. E todo ser humano não apenas gosta, mas se comunica por

meio de histórias. É através delas que nos expressamos, trocamos experiências, compreendemos quem somos e o mundo em que vivemos e aprendemos a conviver e aceitar as diferenças. As histórias são essenciais para a construção da identidade da raça humana.

Sendo assim, uma boa maneira de se introduzir o assunto das *fake news* é conversar com os alunos sobre a importância de se contar histórias para a comunicação humana e investigar, com eles, os motivos pelos quais alguém pode contar uma história inventada como se fosse verdadeira.

Se possível, antes do início dos trabalhos com o livro, leia com os alunos o artigo escrito pelo jornalista Hélio Schwartzman intitulado “Verdades, mentiras e fofocas”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxu8rujv>> (acesso em: 16 abr. 2019).

Acesse, também, apontando a câmera do seu celular para o código ao lado:



O texto deverá suscitar muitas questões sobre verdades e mentiras que renderão excelentes debates em sala de aula. Se quiser explorar mais e aprofundar o assunto, você pode ler com os alunos o artigo a seguir, publicado no *blog* “Redes”, da Editora Moderna. O texto foi escrito por Januária Cristina Alves, coordenadora da coleção *Informação e Diálogo* e uma das autoras do livro *Como não ser enganado pelas fake news*, sobre a “pós-verdade”, que foi eleita a palavra do ano em 2016. O artigo trata a importância da Alfabetização Midiática na educação de crianças e jovens.

As pós-verdades da alfabetização midiática

Segundo o dicionário Oxford, uma das mais importantes referências sobre o uso das palavras para a comunicação no mundo inteiro, a palavra do ano de 2016 foi “pós-verdade”. O termo foi definido pelo dicionário como um adjetivo “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”. Apesar de haver o registro do uso desse termo desde 1992, a

sua circulação aumentou aproximadamente 200% no ano passado, especialmente por ter sido usado nas campanhas do plebiscito do Brexit e da eleição americana, ambas marcadas pela disseminação de notícias falsas nas mídias sociais e de mentiras por candidatos ou figuras-chave de campanhas políticas. Segundo um dos membros do Oxford Dictionaries, Casper Grathwohl, “pós-verdade poderia se tornar uma das palavras que definem nosso tempo”.

E o que a pós-verdade tem a ver com os livros da coleção Informação e Diálogo? Tem tudo a ver, principalmente pelo fato de que os livros da coleção tratam de temas que, a todo momento, estão nas mídias impressas e digitais e reverberam nas mais diversas voltagens, confundindo e gerando insegurança nos cidadãos. Na era da “pós-verdade” cria-se uma realidade “paralela”, uma hiper-realidade ou ainda um simulacro da realidade, o que gera uma espécie de “bolha” em que as pessoas só se relacionam com seus iguais e tendem a rejeitar quem pensa diferente. Um passo para a disseminação de ideias preconceituosas e violentas, em todos os níveis. Precisamos, portanto, aprender a discutir e questionar as pós-verdades se quisermos formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel no mundo em que vivemos.

Se “pós-verdade” define o nosso tempo, precisamos preparar nossas crianças e jovens para viver e atuar nele, e uma das maneiras de se fazer isso de forma eficiente e eficaz é introduzir a Alfabetização Midiática nas nossas escolas, levando para a sala de aula as habilidades necessárias para que os alunos compreendam a produção e a circulação da informação, percebendo como podem ser manipulados pela mídia e também como buscar uma diversidade de ideias que lhes permitam uma análise dos fatos da forma mais ampla possível.

Tão importante quanto ensinar português, matemática, história e geografia é entender a informação não só como um meio para a aquisição de conhecimentos, mas especialmente como um fim, uma ferramenta necessária para compreender o mundo em que vivemos. Habilidades como pesquisar, debater, comparar dados, analisar fatos são essenciais na nova ordem mundial.

Os títulos da coleção Informação e Diálogo são um convite para sairmos, junto com nossos alunos, dessa “bolha” cada dia mais presente nas redes sociais, em todas as mídias, sejam elas de alcance mundial ou local. É preciso falar sobre tudo isso para transformamos a nossa relação com a informação e com o conhecimento, contribuindo para a criação de uma sociedade mais equilibrada e justa com todos os seus membros.”

E, para finalizar esse bloco de atividades que precedem a leitura do livro, você poderá exibir o vídeo “Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, que adverte, com muito humor e seriedade, sobre os perigos de se ouvir “apenas uma história” (ou apenas uma versão dela) sobre os assuntos que fazem parte do nosso cotidiano. Vale a pena assistir (se possível) e debater com os alunos depois. Confira no *link*: <<https://tinyurl.com/z7wcfj4>> (acesso em: 16 abr. 2019).

Acesse, também, apontando a câmera do seu celular para o código ao lado:



Atividades para durante a leitura

A leitura do livro *Como não ser enganado pelas fake news* pode ser feita de diversas maneiras, porque ele não obedece a uma ordem linear ou preestabelecida. Ele está dividido em três blocos distintos que pretendem oferecer informações e provocar reflexões sobre o tema, a partir da perspectiva do produtor e do leitor das notícias. Os blocos são: “O poder das *fake news*”, “O poder da informação e da notícia” e “O poder do leitor”. Eles são interdependentes, mas se conectam e se complementam para dar a visão mais ampla possível desse assunto, que é bastante desafiador.

Para que os alunos possam compreender melhor o processo de produção e de distribuição (ou disseminação) das notícias, você pode propor um exercício bastante simples, mas muito eficiente para ilustrar como se produz e se lê criticamente uma notícia.

Leve para a sala de aula e leia uma versão da clássica história de tradição oral “Chapeuzinho vermelho”. Obviamente a maior parte já deverá conhecê-la, o que vai facilitar a proposta de trabalho. Após a leitura, peça à turma que se divida em subgrupos e que cada um deles escreva essa história a partir do ponto de vista dos seguintes personagens:

- O Lobo Mau
- O Caçador
- A Vovozinha
- A mãe da Chapeuzinho

- A própria Chapeuzinho
- A Floresta (o lugar onde a história se passa).

Ao final, peça aos grupos que leiam as histórias narradas sob o ponto de vista de cada um desses personagens e prestem bastante atenção ao modo como ela foi construída, que elementos ocultou ou ressaltou, que elementos novos apareceram e quais se mantiveram da história original.

A seguir, peça que comparem a história original com as versões e relatem o que podem concluir desse exercício no que se refere à produção e à circulação das notícias. Não esqueça de relacionar essa discussão com a questão debatida no bloco anterior sobre as pós-verdades. O texto “Só ouvi verdades”, da jornalista Alessandra Orofino (disponível em: <<https://tinyurl.com/y3uyolp9>>. Acesso em: 16 abr. 2019), pode ajudá-lo(a) a fazer uma correlação instigante do tema com a realidade que seus alunos estão vivendo nesse momento.

Acesse, também, apontando a câmera do seu celular para o código ao lado:



Para fazer um fechamento deste bloco, você pode exibir um vídeo bastante esclarecedor intitulado “Como se espalha uma notícia falsa”, exibido pela TV Globo no programa dominical *Fantástico* em 2018. Explore com os alunos a complexidade do assunto e como é importante reconhecer uma notícia falsa, e, principalmente, não passá-la adiante. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AlplldLkttY>> (acesso em: 16 abr. 2019).

Acesse, também, apontando a câmera do seu celular para o código ao lado:



Atividades para depois da leitura

Após a leitura do livro é importante frisar que, como afirmaram as autoras no final, o assunto não se encerra nesse exercício. Ele é bastante multifacetado e estará em pauta nos próximos anos.

As notícias falsas estão influenciando e afetando instituições e conquistas que nos pareciam inabaláveis,

como a democracia e os direitos humanos, por exemplo. Sendo assim, é preciso que estejamos atentos e preparados para lidar com essa avalanche de informações que nos deixa desorientados e confusos. Mais do que nunca é necessário que cada um de nós se torne um leitor crítico, e isso só ocorre com a observação acurada dos fatos, muita pesquisa, leitura e checagem do que lemos e vemos.

Proponha um exercício concreto com a sua turma de alunos: peça que listem 10 atitudes que tomarão a partir desse momento para não serem enganados pelas notícias falsas. Peça que analisem seu cotidiano, os meios de comunicação que acessam, as fontes que utilizam para se informar. E, com base nesse cenário, proponham medidas factíveis, em um determinado período de tempo. Ao final dessa data, reúnam-se novamente e avaliem o que foi possível de ser atingido, o que não foi, e por quê. A partir daí, tracem novas metas.

Para inspirá-los neste trabalho, veja algumas frases a seguir. Você pode disponibilizá-las na sala de aula (na lousa ou em cartazes) e pedir que todos leiam e reflitam sobre o que querem dizer.

“A desilusão com as estruturas institucionais levou a um ponto em que as pessoas já não acreditam nos fatos. Se você não confia em ninguém, por que tem de confiar nos fatos? Se ninguém faz nada por mim, por que tenho de acreditar em alguém?”

(Noam Chomsky, escritor e professor da Universidade do Arizona em: <<https://tinyurl.com/y3cabt79>>. Acesso em: 16 abr. 2019).

“O século 21 não inventou a mentira mas o “fact checking”. Hoje é muito mais fácil desmascará-la. E, no entanto, imprensa e classe política continuam mentindo igual. O que mudou não foi uma maior incidência de mentiras mas o fato de que todo o mundo sabe que é mentira mas já ninguém se importa com isso. Acho que estamos vivendo a era da pós-mentira.”

(Em “Pós-verdade dá a impressão de que a política já foi lugar da verdade”, artigo de Gregório Duvivier. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yysk6cc2>>. Acesso em: 16 abr. 2019).

“No passado, a censura funcionava bloqueando o fluxo de informação. No século XXI, ela o faz inundando as pessoas de informação irrelevante. Não sabemos mais a que prestar atenção e frequentemente passamos o tempo investigando e debatendo questões secundárias. Em tempos antigos ter poder significava ter acesso a dados. Atualmente ter poder significa saber o que ignorar.”

(Harari, Y. N. *Homo Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 398).